

JULIO DENIZ e a realidade do campo

por-BRANCA DE OLIVEIRA e MARIA HÉLIA DE CASTRO

Um dos trabalhos que, no campo literário, se impõe à nova geração é o da revisão crítica da obra de Júlio Deniz, o qual viveu, como se sabe, de 1839 a 1871, e a respeito de quem se torna particularmente importante estudar até que ponto revelou a realidade do campo, esclarecendo-se como focou sobretudo o ambiente rural da burguesia.

Mas, para isso, é mister compreendermos qual a situação das nossas classes agrícolas, no tempo em que o romancista viveu.

Era no período de fomento e consolidação interna da organização saída das lutas liberais que vieram pôr cõbo às sobrevivências da ordem feudal. Depois da anarquia dum longo período de agitação e choque das forças sociais, a burguesia ascendente liberta-se da ganga do fraseado liberal a que inicialmente se prendera e consolida praticamente o seu domínio. Assistimos a toda uma série de medidas que, decretadas «no interesse da Nação», levavam realmente ao crescimento duma plutocracia de industriais, financeiros e senhores da terra.

Com Silva Carvalho, ministro de D. Maria II, os bens nacionais confiscados às ordens religiosas e aos absolutistas foram distribuídos aos «patriotas» mais em evidência da nova ordem que assim ficaria cimentada em benefícios palpáveis dos seus defensores. Distribuídas as riquezas, sobretudo rurais, herdadas do passado, impunha-se encetar uma obra de desenvolvimento e progresso que dilatasse as conquistas e firmasse o poder da nova classe triunfante. «A antiga aristocracia demitira-se, é verdade; mas a liberdade e a concorrência tinham criado um poder real e novo, uma plutocracia: a classe dos burguezes ricos que não podiam deixar o seu poder, os seus interesses, à mercê dos acasos das eleições; que não pactuavam com o individualismo, nem com a democracia, querendo para si o domínio seguro a que de facto lhes dava direito o seu poder estável. Derrubadas todas as autoridades em holocausto à doutrina, só uma não podiam os doutrinários destruir: o dinheiro. O dinheiro pois criou para si uma doutrina nova, que teve por defensor Costa Cabral (Oliveira Martins, *Portugal Contemporâneo*, vol. II, pág. 140)». E assim surgiu a iniciativa do fomento a que a Regeneração, de Fontes Pereira de Melo, veio acelerar o

ritmo. Esse movimento, que, dentro da nossa história, ficou conhecido pelo nome de *fontismo*, desenvolveu-se a partir de 1851 e cronologicamente toda a obra de Júlio Deniz coincide com ele.

Espiritualmente, caíramos das mais excelsas regiões dum romantismo não continuasse a no meio dum utilitarismo desbragado e utópico. Não que o romantismo não continuasse a velar, como uma capa dourada, a realidade do mundo. Mas o que dantes era atitude total, incompatível com a prática dos interesses materiais e egoístas, tornou-se agora exteriorização literária amaneirada e rebuscada de empregados de repartição em busca do efeito, para se evidenciarem nos salões perante as *personas bem*. E enquanto o Sr. Fontes proclamava, na Câmara, que «acima do cavalo da diligência está o *tramway*, acima d'este a locomotiva, e acima de tudo o progresso!», o velho bardo Castilho ia placidamente compondo o «Hino do Trabalho».

Os grandes do passado, um Herculano, um Garrett, recolheram-se à margem da vida e, em nome dum puro idealismo teórico, anatematizaram o progresso material, patenteadando a desilusão dos «que foram vítimas das crenças, minhas, vossas, do século e que morreram de fome e de frio! (Herculano, *Os Egressos*)». «A sociedade é materialista, escrevia Garrett sem compreender; e a literatura, que é a expressão da sociedade, é toda absurdamente espiritualista».

Júlio Deniz participava simultaneamente destas duas correntes: a dos que consagravam, exaltando-a, a ordem recém estabelecida; e a dos que proclamavam a sua decepção perante ela. Uma desilusão frente às realidades materiais levava-o a procurar refúgio da agitação civilizadora do progresso na calma simplicidade da vida campesina, tal como a idealizava o seu espírito duma bondade mórbida. Na aldeia é que as posições sociais da burguesia proprietária estavam mais sólidamente firmadas. O conflito entre a organização feudal e o novo regime resultante das lutas liberais tinham sido pacificados desde a sedição popular da Maria da Fonte. A paz restabeleceu-se aí onde primeiramente foram modificadas as relações de produção.

A velha aristocracia cedera definitivamente as posições de domínio económico rural a uma outra classe de indivíduos do 3.º estado enriquecidos. A nobreza do sangue substituí-

ra-se a nobreza do dinheiro que viera opôr princípios de trabalho, de economia e de racionalização da vida aos preconceitos de casta anteriores. Por muito românticas que sejam as obras de Júlio Deniz, tiveram um conteúdo, portanto uma realidade que não puderam deixar de reflectir, embora não angustiadamente, porque o seu período crítico passara. E' a ela que assistimos em «Os Fidalgos da Casa Mourisca», no conflito entre Tomé da Póvoa, proprietário e antigo moço de lavoura enriquecido pelo trabalho, e os Fidalgos decadentes que só conseguem salvar-se da ruína, adaptando-se às novas condições sociais pelo aturguesamento dum dos seus. E Júlio Deniz, que *espiritualmente* reagia contra o progresso material da nova ordem nos domínios que apresentavam conflitos em aberto (os transportes, industrialização, argentários), pactua aqui com ela, representa-a idilicamente, através duma série de contradições que, herdadas dum passado social diferente, acabam por se harmonizar num presente que é «o melhor dos mundos possíveis».

Se alguma angústia existe nos romances de Júlio Deniz, consiste essencialmente na consciência das contradições que começavam a aparecer nas novas formas de vida. Foram, por exemplo, as lágrimas do herbanário na «Morgadinha», perante um novo caminho de ferro, em que o autor escreve: «Exalte-se embora a rápida carreira da locomotiva que atravessa, como meteoro, as povoações e os êrmos; mas não seja isso motivo para condenar a compaixão pela violeta dos campos, que as rodas deixaram esmagada à beira do caminho».

Praticamente este vago regresso à natureza contra as máquinas, à simplicidade contra o artificialismo, num mundo que não reunia condições para a sua conciliação num estádio superior, representa um retrocesso ideológico, uma reacção *espiritual* que, se traduz numa rotura com a matéria e é impotente para obstar ao seu desenvolvimento. Este horror teórico pelo material voltado contra a agiotagem aparece uma única vez na obra do romancista, num pequeno conto dos «Serões da Província»—*O espólio do Sr. Cipriano*. Em nenhuma outra parte surgem como assunto central preocupações económico-monetárias que sempre aparecem veladas pela capa ilusória do *espiritual* que en-

contra a felicidade no seio da Natureza. Natureza que é apenas um mito: o mito do *Homem* independente de condições históricas.

Os romances de Júlio Deniz representam portanto a consagração literária, a apologia da *solução* que o triunfo da burguesia veio trazer aos problemas do campo. Mas não aos problemas que no campo surgiam na sua época, como consequência desse próprio triunfo. Antes daqueles que estavam já ultrapassados, do período anterior do declínio da ordem aristocrática. *Solução* que, se existiu realmente, chegou a custo a durar um momento como as rosas de Malherbe, um fugidivo momento de equilíbrio para logo prosseguir num desenvolvimento social que trouxe novos problemas angustiantes e contradições que conduziram à encruzilhada de hoje.

Júlio Deniz pode chamar-se um romancista popular, muito lido entre nós, pelo menos no Norte do país. Mas não é propriamente ele que é conhecido: são os seus romances; porque, como se sabe, no estádio mais longínquo da cultura, começa-se por não ligar importância ao autor. Quais são os simpáticos e sequiosos leitores do campo que sabem que Júlio Deniz foi um médico, um tuberculoso, um burguez, um escritor? Quem sabe que os seus romances se referem a um determinado ambiente, hoje ultrapassado pelo progresso da realidade? Daqui procede uma idéa deformada desses romances, idéa que os apresenta como reveladores do momento actual da nossa aldeia, aos quais se vão buscar frases de consólo.

E este erro que é tão importante desfazer, tem sido escrupulosamente mantido. E' que Júlio Deniz serve bem agora para se conseguir um aprisionamento dos espíritos em soluções que de maneira nenhuma correspondem às exigências da verdadeira realidade de hoje. As seletas sem sentido histórico e portanto sem vida, que geralmente lemos sem qualquer interesse, fazem todas as diligências para nos mostrarem o campo através de Júlio Deniz. E os plagiadores que, às vezes, se encorajam a meter-se pelo campo recitam depois também o Júlio Deniz. De forma que o limitado escritor se converteu assim, consciente ou inconscientemente,

(Continua na página seguinte)